



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

FAZER A SUA PARTE: MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E ANÁLISE DO DISCURSO

Belmira Magalhães¹

“O que for óbvio não vale a pena analisar. Se tudo se apresenta no fenomênico apenas, sem nenhuma dúvida, para que a ciência e a crítica?” (Marx)

“Há que superar o efeito de evidência.” (Pêcheux)

O LUGAR TEÓRICO DO DEBATE

Partindo da concepção do materialismo histórico-dialético, pretendemos discutir os mecanismos ideológicos que procuram limitar, ou mesmo velar, as possibilidades do sujeito de entendimento da lógica do mercado e de suas consequências para a conscientização tanto individual como coletiva.

Para os analistas de discurso de linha francesa, **de recorte pecheuxtiano**, a forma de se entender um discurso está na compreensão, que parte da materialidade discursiva, isto é, do fenomênico, em busca da essência. Juntos, esses dois campos formam a totalidade, permitindo, assim, o entendimento do lugar do sujeito do discurso, o sentido do discurso e seu efeito discursivo, porquanto o sentido não está nas palavras, nem na forma sintática empregada, mas na posição do sujeito.

A análise de discursos da contemporaneidade, a partir desse escopo teórico, requer o aprofundamento da noção de contradição de classes e sua implicação direta na formação das práxis ideológicas em geral e nas discursivas especificamente. Como assinala (Lukács, *Ideologia*, 1989, mimeo), “é preciso partir da produção e reprodução da vida humana enquanto tal, pois a ideologia nasce direta e necessariamente do *hic et nunc* social dos homens que agem socialmente na sociedade”.

Considera-se ainda, a partir de Marx (1965, 1978), que as práxis ideológicas partem do embate da luta entre as classes fundamentais da sociedade e que no caso como o aqui presente, dos

¹ brcmagalhaes@gmail. Pós-doutoramento na UFF. Professora/pesquisadora da UFAL.

discursos da contemporaneidade, há necessidade de se buscar a explicação de qualquer discurso dentro da lógica da sociedade capitalista atual.

Partimos do pressuposto marxiano de que o fundamento de qualquer sociabilidade é a forma pela qual os seres sociais viabilizam a atividade vital básica – o trabalho (Marx,1968). Na sociedade capitalista essa forma é a exploração do trabalho, através da extração da mais-valia, e para a produção nesse sistema há necessidade de todo um aparato jurídico, político e ideológico que efetive as tarefas necessárias à lógica de exploração (Marx,1995). Interessa-nos, nessa fase da pesquisa, compreender o funcionamento ideológico de discursos que pretendem responsabilizar o indivíduo por todas as mazelas sociais e, ao mesmo tempo, apagar as formas coletivas de reivindicar.

O DISCURSO PELO OLHAR DA TEORIA

Essa temática será desenvolvida, neste momento, a partir da análise de um discurso recorrente na fala dos cidadãos, na mídia etc.: – **Se cada um fizer o seu papel, todos vão viver em um mundo melhor** – (retirado de uma propaganda da Caixa Econômica sobre construções e reformas que preservam o meio ambiente). Vejamos como funciona a composição do discurso:

Se – condição para um mundo melhor

Cada um fazer seu papel

Todos terão mundo melhor.

A base do discurso está calcada na diferença entre as classes sociais e no funcionamento da ideologia liberal, que pretende ter como efeito de sentido a percepção de que o benefício proposto pela empresa se dirige a qualquer cidadão. Proteger a natureza e proteger a vida de cada um (Locke, 2002). A participação do cidadão para o bem comum se dá na perspectiva de melhora de sua própria vida (proteger a natureza é proteger a sua vida também). O bem comum comum se dá pelo somatório de ações e de forma diferenciada para cada um. (Bobbio,1987) A afirmação de que “todos terão um mundo melhor” encobre o fato de que os benefícios não serão iguais para todos, já que, sob o capitalismo, não há igualdade social.

O efeito de evidência se dá na medida em que há a constatação de um mundo deteriorado e um chamamento para que cada um faça o seu papel, sua parte, para o mundo melhorar. O que fica silenciado é a pergunta que vai além do fenomênico: quem torna/tornou esse mundo pior, ruim? Isto é:

- 1 - Quem não realiza saneamento básico?
- 2 - Quem não oferece habitação adequada?
- 3 - Quem não estabelece uma política enérgica pura?
- 4 - Quem não investe em energias sustentáveis?

A primeira resposta parece óbvia: o Estado. Então, a Caixa ao financiar tenta sanar essa deficiência do Estado², isto é, cobra juros para que **cada um** cumpra o seu papel.

² A Caixa é “uma empresa pública”.

Nesse sentido, a Caixa faz a sua parte: manter a lógica de que só pode ter essas coisas e se sentir um cidadão participativo aquele que possuir dinheiro para pagar o financiamento. Quem não o tem, além de não contribuir, polui o ambiente, não se comportando de acordo com as regras da vida em comum. Estamos ainda respondendo à primeira pergunta: o Estado não cumpre seu **papel**, então cada cidadão tem de cumpri-lo (Marx, 1995; Mészáros, 2002). Ainda não chegamos à essência para formarmos a totalidade necessária ao desvelamento das questões colocadas.

Vejam a segunda pergunta: quem destrói o meio ambiente sistematicamente e manterá essa destruição enquanto a lógica de mercado permanecer?

Apenas alguns exemplos:

- 1 - Os latifundiários, o agronegócio
- 2 - Os empresários

A produção capitalista, com a exploração do trabalho, cria um mundo pior para cada ser humano, pois busca o lucro a qualquer preço; não interessam as consequências para humanidade.

Mas isso é silenciado (Orlandi, 1997) ou dado como algo naturalizado, impossível de ser de outra forma. Dizem ao sujeito que ele pode mudar o mundo por suas ações individuais, dissolvidas no emaranhado de ações positivas que não afetam a lógica do sistema do capital.

A propaganda aqui analisada imputa a cada um as consequências do que se vive hoje: como não fizeram ou não vão fazer a coisa certa, **a sua parte**, o mundo poderá ficar cada vez pior (continuam jogando lixo em locais inadequados, arrancando árvores, não cuidam das casas, as mães não cuidam de seus filhos... A lista é interminável.

Se a solução é individual é porque a causa é individual. Silencia-se que todas essas ações indesejadas são consequências da própria lógica da exploração e lucro, pois quem vive na insalubridade constante não terá como não jogar lixo no chão e se preocupar com o meio ambiente. Além disso, como cuidar de casas que são apenas abrigos para se comer e dormir, e sempre mal?

Novamente o funcionamento ideológico se apoia na lógica do você pode tudo, mas é culpado por tudo também. O mundo capitalista não produz coletividade, mas aglomerados humanos em benefício de poucos. Paralelamente se institui uma competição até no que se refere a realizar ações positivas, apaziguando os corações dos “homens e mulheres de bem”.

Cada um faz o seu papel:

- 1 - As empresas continuam devastando o meio ambiente e o Estado lucra financiando energia pura.
- 2 - As classes dominantes continuam morando bem em reservas da natureza, usufruindo um ar não poluído.
- 3 - Os trabalhadores continuam sendo explorados e acusados de não participarem da criação de um mundo melhor, e, pior ainda, de serem os culpados pela degradação de nossos rios, lagoas etc.

Cada um no mesmo lugar, não ocorrendo mudança alguma, pois a mudança só se dará quando os verdadeiros causadores da destruição do meio ambiente perderem seu poder.

Então, a proposta é não fazer nada e esperar que esse tempo bom chegue? Não. A proposta, no caso da AD, é procurar desnaturalizar esses discursos dirigidos normalmente aos bem-

intencionados, como forma de mostrar o funcionamento discursivo que aparentemente convida à transformação do mundo e acusa os cidadãos de não fazerem a sua parte. Para o entendimento dessa lógica os fundamentos teóricos do materialismo histórico-dialético são fundamentais. Pêcheux sabia disso.

BIBLIOGRAFIA:

BOBBIO, N. *Sociedade e Estado na filosofia política moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LOCKE, J. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

LUKÁCS, Georg. *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, Georg. *A Ideologia*. Tradução de Ivo Ester Vaisman. Maceió: 1989. Mimeo.

MARX, Karl. Glosas críticas marginais. Tradução de Ivo Tonet. *Revista Praxis*, n. 5, Belo Horizonte: Projeto Joaquim de Oliveira, 1995.

MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política. (GRUNDRISSE) 1857-1858*. México: Siglo XXI, 1978.

MARX, Karl. *O Capital*. 3 v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução de Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo e UNICAMP, 2002.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Unicamp, 1997

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.